

# AFROS & AMAZÔNICOS



## OBSERVANDO UM FIO DE ANANSE: APRECIÇÃO DE UM CONTRIBUTO ÀS EPISTEMOLOGIAS E METODOLOGIAS NEGRAS, DESCOLONIAIS E ANTIRRACISTAS NO BRASIL

*Lanny Suellen Pereira de Sena\**

*João Batista Santiago Ramos\*\**

*Natalino Carvalho dos Santos\*\*\**

### Resenha da obra

ALVES, Míriam Cristiane; ALVES, Alcione Corrêa (Orgs.). **Redes Intelectuais: epistemologias e metodologias negras, descoloniais e antirracistas.** Porto Alegre: Rede Unida, 2021.

Zélia Amador de Deus, eminente professora universitária e ativista negra do Norte do Brasil, formulou uma imagem que retrata o Movimento Negro brasileiro como os herdeiros de Ananse, este, um deus-aranha da cultura fanti-ashanti que devido suas envolventes histórias-teias conseguiu completar a captura de seres fantásticos para Nyame, o deus do céu, que, agradecido, entregou ao astuto Ananse todas as histórias do mundo (AMADOR DE DEUS, 2019).

Pensamos que essa imagem abarca perfeitamente o terceiro volume da Série Pensamento Negro Descolonial, um livro que, à luz dessa metáfora, pode ser compreendido como um dos muitos fios das histórias-teias de Ananse e seus herdeiros na empreitada de amarrar e capturar os entes ideais, discursivos e societários que historicamente comprometem o bem

viver<sup>1</sup> da população negra. Para o bem das histórias do mundo, esses entes precisam ser imobilizados com historias-teias bem fortes, e isto os autores e autoras do livro fazem ao tecer cada capítulo.

O livro foi publicado em 2021 pela Editora Rede Unida, de Porto Alegre, Brasil, e se trata de uma obra coletiva organizada por Míriam Cristiane Alves e Alcione Corrêa Alves. Míriam é graduada, mestra e doutora em Psicologia e atua como professora na Universidade Federal de Pelotas (UFPeL) com uma trajetória de pesquisa e ativismo nas áreas de Psicologia Social, Saúde Mental Coletiva, e Psicologia e Relações Raciais. Atualmente também é coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas E'LÉÉKÒ – Agenciamentos Epistêmicos Antirracistas Descoloniais da UFPeL e Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Alcione Corrêa Alves, coorganizador, possui graduação, mestrado e doutorado em Letras pela UFRGS e é professor da Universidade Federado do Piauí (UFPI), onde tem se dedicado ao estudo do pen-

\* Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará.

\*\* Doutor em Filosofia pela Universidade do Porto, é Professor do PPG em Estudos Antrópicos da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Castanhal.

\*\*\* Graduado em Química pelo Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Pará, mestrando em Educação, Ciências e Matemática pela Universidade Federal do Pará.

1. No sentido proposto por Acosta (2016), mas com as devidas adaptações para a população negra.



samento amefricano com foco em suas contribuições à formulação de novos problemas de caráter metodológico e epistemológico no campo da Teoria Literária contemporânea.

“Redes intelectuais: epistemologias e metodologias negras, descoloniais e antirracistas” conta com catorze capítulos além de um prefácio e uma apresentação. Nele, autoras e autores de diversas regiões do país e das mais diversas áreas do conhecimento formam, como sugere o título da obra, uma rede multidisciplinar em torno de um tema central, qual seja, o comparthilamento de conhecimentos ameafricanos, no caso mais específico do volume: as epistemologias e metodologias.

O debate da temática em questão inicia por um esboço panorâmico de alguns entrecruzamentos, aproximações e distanciamentos entre o pensamento negro e outras propostas descoloniais. As peculiaridades e a antecedência do pensamento negro em diversos contextos da Diáspora Africana são apontados, bem como a colonialidade do poder e do saber que escondeu as críticas e denúncias de autoras e autores negros pelo fato de não produzirem a partir dos países e/ou universidades euro-americanas.

Em seguida, os capítulos partem do corpo/corpa negro/negra que é tomado tanto como lugar de conhecimento, quanto produtor e parâmetro de conhecimento, uma ideia característica do feminismo negro em que a experiência via corpo negro é central (COLLINS, 2019). As autoras corroboram e corporificam as proposições feministas negras ao expor recortes de histórias de vida em meio ao contexto da crise sanitária; na vivência de pessoas negras na academia; e pelo uso do gênero textual da escrevivência, conforme teorizou Conceição Evaristo (2020).

Ocorre, então, um alargamento para os campos profissionais da saúde através de trabalhos que revelam que a consciência racial e o antirracismo são ferramentas importantes para a formação de profissio-

nais de psicologia até o tratamento qualificado de pacientes em terapia ocupacional. As leituras desses textos comprovam que o racismo é, além de muito mais, um problema de saúde pública.

Os últimos capítulos apresentam experiências de coletivos negros e seus efeitos na geração e fortalecimento de posturas de resistência, e na melhora da salubridade dos sujeitos e sujeitas envolvidas. E analisam, criticam e denunciam a colonialidade do sistema prisional e também de usuários do mais usado aplicativo de mensagens no Brasil, o *WhatsApp*.

Expostas as linhas gerais do livro, é importante dizer que essa coletânea de artigos não consiste, como pode sugerir *a priori* o subtítulo do livro – “epistemologias e metodologias negras, descoloniais e antirracistas” – em um conjunto de textos entorno de questões epistemológicas e metodológicas em si, a partir de aportes e perspectivas negras, descoloniais e antirracistas. Os escritos reunidos, na verdade, são mais uma expressão dessas epistemologias e metodologias, do que tratados a respeito do assunto.

Por esse motivo, excetuando os capítulos um e treze em que há, de certa maneira, uma dimensão transnacional e internacional, a contribuição do livro ao tema indicado no título e subtítulo da publicação em contexto brasileiro consiste em apresentar as contribuições teóricas já estabelecidas, mas a partir de recortes familiares aos leitores e leitoras brasileiras. Não há, portanto, um tensionamento, crítica, refutação ou mesmo um questionamento das epistemologias e metodologias negras e descoloniais já estabelecidas.

Essa característica, para nós, constitui a força e a fraqueza da obra: se por um lado ela pode servir como um texto de introdução à leitura descolonial e antirracista do contexto brasileiro, por outro, ela é uma reprodução de ideias sem qualquer tentativa de inovação teórica. Como manual de conhecimento introdutório e exemplo de aplicação de teoria no contexto brasileiro



ela é essencial, mas como ferramenta de embasamento teórico (formulação de conceitos e modelos explicativos novos) com fim à inovação, é prescindível, basta que se leia as autoras e autores de referência das teorias negras e antirracistas em que a própria obra se baseia.

“Redes intelectuais” é um livro muito útil, basta apenas que os leitores, particularmente os acadêmicos, o adquiram, leiam e utilizem respeitando o tipo de contributo que o volume é (aplicação de epistemologias e metodologias descoloniais, negras e antirracistas no contexto brasileiro). Encerramos lembrando que um livro pode ser tão importante pelo que ele provoca, do que pelo que ele diz. Assim sendo, que “Rede intelectuais”, além da elucidação de aplicação de epistemologias e metodologias que é, provoque à realização o que ele não realiza. Que desse fio de Ananse outros fios ainda mais fortes surjam e façam o que esse fio não o fez.

### Referências

ACOSTA, Alberto. **O bem viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo: Autonomia Literária; Elefante, 2016.

AMADOR DE DEUS, Zélia. **Ananse tecendo teias na diáspora**: uma narrativa de resistência e luta das herdeiras e dos herdeiros de Ananse. Belém: Secult-Pará, 2019.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabela Rosado. **Escrevivência, a escrita de nós**: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 26-47.